

## AULA 11 — O indígena na tela

### ROTEIRO DE AULA · leitura do professor

UC8 – Narrativas de Identidade e Nação · 2<sup>os</sup> anos A, B, C, D e E · 90 minutos · Prof. Ulysses Cesar

| Item      | Detalhe                                                                                                                                          |
|-----------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Duração   | 90 minutos (2 aulas geminadas)                                                                                                                   |
| Material  | Handout AULA 11 – O indígena na tela e versão adaptada                                                                                           |
| No quadro | Antes da aula, escrever apenas: DESENHE UM ÍNDIO                                                                                                 |
| Objetivo  | Que o estudante identifique estereótipo, armadilha da autenticidade e tokenismo, e aplique um roteiro de análise a qualquer representação visual |
| Recolher  | Bloco 2 da Aula 10                                                                                                                               |
| Formato   | Abertura coletiva com desenho; atividade individual                                                                                              |

#### COMO USAR ESTE ROTEIRO

Os textos em corpo grande são para ler em voz alta — pode ler literalmente ou parafrasear.

As caixas coloridas NÃO são para ler: são instruções para você.

Os tempos são referência, não obrigação. Se a turma render, aprofunde; se travar, corte pelo que está marcado como opcional ao final.

#### 00 – 14 min · ABERTURA · Desenhe um índio

##### AÇÃO

Recolha o Bloco 2 da Aula 10 durante a abertura.

##### AÇÃO

Peça que todos peguem uma folha e cumpram a instrução do quadro. Dois minutos, sem conversar, sem olhar o desenho do colega. Não explique o objetivo ainda.

#### PAUSE E ESCUTE

Deixe desenharem de verdade. Não adiante nada — a força da atividade depende de eles não saberem onde você quer chegar.

#### PERGUNTE À TURMA

Quem desenhou cocar, levante a mão.

**PAUSE E ESCUTE**

Quase todos. Deixe olharem uns para os outros.

**PERGUNTE À TURMA**

Quem desenhou arco e flecha? Quem desenhou pintura no rosto? Quem desenhou alguém sem camisa? Quem desenhou floresta ao fundo?

**PAUSE E ESCUTE**

A cada pergunta, mais mãos. O efeito é cumulativo e a turma percebe sozinha.

**PERGUNTE À TURMA**

Agora a pergunta que interessa. Quem desenhou uma pessoa de camiseta, na cidade, com celular?

**PAUSE E ESCUTE**

Silêncio ou uma mão. Deixe o silêncio durar.

Trinta e poucas pessoas nesta sala, cada uma desenhando sozinha, e o desenho é o mesmo. Isso não é coincidência. Coincidência não acontece trinta vezes.

**ESCREVA NO QUADRO**

Escreva: ESTEREÓTIPO

Estereótipo é uma imagem simplificada e repetida de um grupo, que apaga a diversidade interna dele. Vocês não inventaram esse desenho. Vocês reproduziram um que já estava pronto — e que veio de algum lugar.

A aula de hoje é sobre esse lugar.

**14 – 28 min · DE ONDE VEIO O DESENHO**

**AÇÃO**

Distribua o handout. Versão adaptada de forma reservada.

**PERGUNTE À TURMA**

Onde vocês viram essa imagem pela primeira vez?

**PAUSE E ESCUTE**

Vão dizer escola, desenho animado, livro, festa junina. Deixe listarem.

**ESCREVA NO QUADRO**

Escreva: 19 DE ABRIL

A escola brasileira tem um papel grande nisso. Durante décadas, o Dia do Índio foi a única aparição do tema no calendário — uma vez por ano, com cocar de papel, pintura de guache e, em muitos casos, apresentação de dança.

**PERGUNTE À TURMA**

O que essa prática ensina, mesmo sem querer ensinar?

**PAUSE E ESCUTE**

Conduza até: ensina que é fantasia, ensina que é passado, ensina que é uma coisa só.

Três lições erradas de uma vez. Que se trata de fantasia, e não de povos vivos. Que pertence ao passado. E que é homogêneo — um cocar padrão para duzentos e cinquenta povos.

Registro que em dois mil e vinte e dois a data passou a se chamar oficialmente Dia dos Povos Indígenas, no plural, exatamente para corrigir o singular genérico que a gente discutiu na Aula 05.

**LIGAÇÃO · AULA 02 · O ÍNDIO DE PAPEL VOLTA**

Alencar situava o indígena num passado remoto e num lugar distante — nunca contemporâneo, nunca urbano. O calendário escolar continuou fazendo a mesma coisa por outro meio. A literatura do século dezenove e a atividade de 19 de abril produzem a mesma imagem: bela, congelada e inofensiva.

**28 – 44 min · A ARMADILHA DA AUTENTICIDADE**

Agora um conceito que responde a uma pergunta que aparece em toda turma, todo ano.

**PERGUNTE À TURMA**

Já ouviram alguém dizer que fulano não é índio de verdade porque usa celular, ou porque mora na cidade, ou porque tem faculdade?

**PAUSE E ESCUTE**

Vão dizer que sim, e alguns vão achar o argumento razoável. Deixe aparecer.

**ESCREVA NO QUADRO**

Escreva: ARMADILHA DA AUTENTICIDADE

É a exigência de que um povo permaneça igual ao que era há quinhentos anos para ter seus direitos reconhecidos. Chamo de armadilha porque ela é impossível de cumprir: nenhuma cultura do planeta ficou parada.

Agora façam o teste da simetria comigo.

**PERGUNTE À TURMA**

Um português de hoje usa celular e mora em apartamento. Ele deixou de ser português?

**PAUSE E ESCUTE**

Vão rir. Deixe.

**PERGUNTE À TURMA**

Então por que a mesma mudança, aplicada a um indígena, faria com que ele deixasse de ser indígena?

**PAUSE E ESCUTE**

Aqui a turma costuma travar. É o momento mais produtivo da aula. Não resolva rápido.

A resposta é que aplicamos um critério de imutabilidade a um grupo e não ao outro. E esse critério não é neutro: ele serve, na prática, para retirar direitos de quem mudou.

E existe resposta jurídica clara. A Convenção 169 da OIT estabelece que a consciência da identidade indígena é o critério fundamental. Quem define é a própria pessoa e o seu povo — chama-se autoidentificação. Não é a roupa, não é o objeto, não é o CEP.

**ESCREVA NO QUADRO**

Escreva: AUTOIDENTIFICAÇÃO — Convenção 169 da OIT

**Vocabulário em inglês**

**ESCREVA NO QUADRO**

Escreva: STEREOTYPE · REPRESENTATION · NOBLE SAVAGE · CULTURAL APPROPRIATION

NOBLE SAVAGE, o bom selvagem, é exatamente a figura de Alencar: nobre, leal, generoso — e condenado a desaparecer. CULTURAL APPROPRIATION é o uso de elementos de uma cultura por

quem não pertence a ela, geralmente esvaziando o significado original e sem retorno para quem o produziu.

#### 44 – 60 min · COMO O CINEMA CONSTRUIU O INDÍGENA

O cinema é a máquina mais eficiente de fabricar imagem coletiva que já existiu. E ele trabalhou muito nesse tema.

##### ESCREVA NO QUADRO

Escreva três padrões: 1 O SELVAGEM AMEAÇADOR · 2 O BOM SELVAGEM · 3 O ÚLTIMO DE SEU POVO

No western clássico americano, o padrão dominante foi o primeiro: o indígena como obstáculo, ameaça, massa anônima a ser vencida para que a civilização avançasse. Sem nome, sem língua própria, sem ponto de vista.

Depois vem o segundo: o bom selvagem, sábio, espiritual, em harmonia com a natureza. Parece elogio.

##### PERGUNTE À TURMA

Por que o segundo padrão também é um problema?

##### PAUSE E ESCUTE

Deixe trabalharem. Se travar: uma pessoa pode ser sábia e chata? pode ser espiritual e mesquinha?

Porque continua sendo um tipo, e não uma pessoa. Elogio genérico também apaga o indivíduo. E, sobretudo, porque o bom selvagem quase sempre existe em função do protagonista branco — ele ensina, salva, guia, e depois some.

O terceiro padrão é o mais insidioso: o último de seu povo. Aquele filme em que o indígena aparece como remanescente melancólico de algo que acabou.

##### PERGUNTE À TURMA

Que efeito isso produz em quem assiste?

##### PAUSE E ESCUTE

Conduza até: produz a ideia de que o tema é passado. E se é passado, não há direito a discutir hoje.

Reparem como isso se conecta ao marco temporal. Se o senso comum acredita que povos indígenas são coisa do passado, fica muito mais fácil sustentar publicamente uma tese que corta direitos por uma data. A imagem prepara o terreno para a norma. É o mesmo casamento entre símbolo e lei que a gente estuda desde a primeira aula — só que agora a favor da exclusão.

## 60 – 76 min · QUANDO A CÂMERA MUDA DE MÃO

Agora a virada. O que acontece quando quem filma é do próprio povo.

Existem coletivos de cinema indígena no Brasil desde os anos oitenta, com formação de cineastas dentro das próprias comunidades. E o resultado não é o mesmo filme com outro diretor: é outro filme.

### ESCREVA NO QUADRO

Escreva em duas colunas: CÂMERA DE FORA | CÂMERA DE DENTRO

### PERGUNTE À TURMA

Pensem numa cena concreta: um ritual. O que muda entre as duas câmeras?

### PAUSE E ESCUTE

Deixe listarem. Vão chegar em duração, explicação, música, foco.

A câmera de fora tende a filmar o ritual como espetáculo: close no adorno, música dramática, narração explicando ao espectador o que aquilo significa. A câmera de dentro tende a filmar o antes e o depois, a conversa, a preparação, a comida, a piada — o cotidiano em que o ritual está inserido.

E há uma diferença que quase ninguém percebe: quem está de fora filma o que é diferente. Quem está de dentro filma o que é importante. Nem sempre é a mesma coisa.

### ESCREVA NO QUADRO

Escreva: LEI Nº 13.006/2014

E existe uma norma brasileira sobre isso: a Lei 13.006, de dois mil e catorze, acrescentou à LDB a exigência de exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica, por no mínimo duas horas mensais.

### PERGUNTE À TURMA

Vocês já viram cinema brasileiro em alguma escola em que estudaram?

**PAUSE E ESCUTE**

Costuma ser não. Deixe o não aparecer.

Guardem esse dado, porque ele é a Aula 07 de novo: a norma existe e a eficácia é outra história. E, se vocês quiserem cobrar isso, a Aula 14 vai mostrar como.

**AÇÃO**

Explique a divisão do handout: Bloco 1 e as questões correspondentes agora; Bloco 2 em casa.

**76 – 90 min · TOKENISMO E O ROTEIRO DE SETE PERGUNTAS**

**ESCREVA NO QUADRO**

Escreva: TOKENISMO

Último conceito, e é o mais útil para a vida de vocês. Tokenismo é a inclusão simbólica de um representante de um grupo, feita para exibir diversidade, sem que isso altere poder, protagonismo ou decisão.

Como aparece: o personagem que existe para ser o amigo, sem história própria. A fotografia institucional caprichosamente diversa de uma empresa cuja diretoria é homogênea. O convidado chamado só quando o assunto é o próprio grupo dele, e nunca quando é economia, ou tecnologia, ou qualquer outra coisa.

**PERGUNTE À TURMA**

Como distinguir inclusão real de tokenismo?

**PAUSE E ESCUTE**

Deixe tentarem. A resposta boa costuma aparecer: ver se a pessoa decide alguma coisa.

Exato. A pergunta operacional é: essa pessoa tem agência? Ela decide, ou está ali para aparecer?

***O roteiro de análise***

Vou entregar a vocês uma ferramenta que serve para qualquer imagem — propaganda, filme, capa de livro, post. Sete perguntas. Está no handout, e eu quero que fique no caderno de vocês.

**ESCREVA NO QUADRO**

Escreva as sete, numeradas: 1 QUEM PRODUZIU? · 2 PARA QUEM? · 3 QUEM APARECE? · 4 QUEM FALA? · 5 QUEM DECIDE NA HISTÓRIA? · 6 O QUE FICOU DE FORA? · 7 A QUE INTERESSE SERVE?

Reparem que a quarta e a quinta são as que separam representação de tokenismo. Aparecer é fácil. Falar e decidir é outra coisa.

E a sexta — o que ficou de fora — é a mais difícil e a mais valiosa, porque exige perceber uma ausência. Ausência não se vê: se deduz.

**AÇÃO**

Se sobrar tempo, devolva os desenhos da abertura e peça que apliquem as sete perguntas ao próprio desenho. É o fechamento mais forte possível.

Vocês começaram a aula desenhando um estereótipo sem perceber. Estão terminando com uma ferramenta para identificar estereótipo em qualquer imagem. É isso que muda quando se aprende a ler imagem em vez de só olhar.

**AÇÃO**

Lembre do Bloco 2. Registre no diário quem recebeu material adaptado e colha o recibo.

### *Se a turma perguntar (respostas prontas)*

#### **— Então não pode mais usar cocar em festa junina?**

A pergunta certa não é o que pode, é o que a prática comunica. Usar como fantasia trata como folclore um objeto que, para muitos povos, tem função ritual e significado específico. E reparem: a mesma escola que faz a fantasia costuma não ensinar nada sobre povos indígenas nos outros trezentos e sessenta e quatro dias. O problema não é o papel colorido — é ele ser tudo.

#### **— Se um indígena mora na cidade, ele deixa de ter direito à terra?**

Não. São coisas juridicamente distintas: a identidade indígena é definida por autoidentificação, segundo a Convenção 169, e o direito territorial pertence ao povo, não a cada indivíduo conforme o endereço em que more no momento.

#### **— Ator não indígena pode interpretar personagem indígena?**

É debate aberto e vale apresentá-lo assim. De um lado, interpretar o outro é o ofício do ator. De outro, quando um grupo historicamente teve pouquíssimo acesso ao mercado, a escalação não é só estética — é distribuição de oportunidade. Peça que apliquem as sete perguntas ao caso; a discussão fica melhor do que qualquer resposta minha.

#### **— Cai no PAS?**

Cai. Representação, estereótipo e cinema aparecem com frequência, inclusive em item de inglês com os termos do quadro. E as sete perguntas funcionam como método de análise para qualquer obra visual da Matriz de Referência.

### *Se faltar tempo, corte nesta ordem*

1. Os três padrões do cinema podem virar dois — o ameaçador e o bom selvagem.
2. A Lei 13.006/2014.
3. O vocabulário em inglês, mantendo apenas STEREOTYPE e NOBLE SAVAGE.
4. Nunca corte a abertura com o desenho: é o que sustenta a aula inteira.

### *Se sobrar tempo*

- Recolha os desenhos da abertura, embaralhe e exponha alguns no quadro sem identificar autor. A repetição visual é mais eloquente do que qualquer explicação.
- Peça que tragam de casa uma imagem de propaganda e apliquem as sete perguntas. Vira atividade de aula inteira na semana seguinte.
- Se houver projetor, compare a abertura de um western clássico com um curta de coletivo indígena. Dois minutos de cada um bastam.

### *Lembretes de inclusão*

- Entregue a versão adaptada de forma reservada, sem anúncio à turma.
- Para estudantes com DI, o desenho da abertura é a melhor porta de entrada — mantenha a aula ancorada nele e trabalhe apenas estereótipo e as perguntas 3, 4 e 5 do roteiro.
- Para estudantes com TEA, avise antes que a aula começará com uma atividade de desenho e que os desenhos poderão ser mostrados; a antecipação evita recusa. Se preferir não expor o próprio, respeite sem comentar.

- Para estudantes com TDAH, a atividade inicial e o retorno aos desenhos no fim funcionam como âncoras de atenção nas duas pontas da aula.
- Para estudantes com TPAC, as sete perguntas devem estar escritas no quadro e no handout, nunca apenas ditadas.
- Se houver estudante indígena na turma, tome cuidado redobrado nesta aula: não peça que avalie os desenhos dos colegas, não o use como exemplo e não o convoque a validar informações.
- Colha a assinatura do recibo e registre no Diário conforme a Resolução nº 1/2017 – CEDF.